

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC  
CENTRO DE DESPORTOS - CDS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

JULIANA SILVA SANTIAGO

**CAMINHADAS NA NATUREZA: UMA TRILHA POSSÍVEL PARA A EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR?**

FLORIANÓPOLIS

2022

**Juliana Silva Santiago**

**CAMINHADA NA NATUREZA UMA TRILHA POSSÍVEL PARA A EDUCAÇÃO  
FÍSICA?**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física – Hab. Licenciatura, Centro de Desportos/CDS, da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Ker de Melo

FLORIANÓPOLIS

2022

Juliana Silva Santiago

**Título:** Caminhadas na natureza: uma trilha possível para a educação física escolar?

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Graduanda e aprovado em sua forma final pelo Curso Educação Física – Habilitação Licenciatura

Florianópolis, 10 de dezembro de 2021.

---

Prof. Dr. Carlos Luiz Cardoso  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. Cristiane Ker de Melo  
Orientador(a)  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Juliana de Paula Figueiredo  
Avaliador(a)  
Universidade do Estado de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Paulo Ricardo do Canto Capela  
Avaliador(a)  
Universidade Federal de Santa Catarina

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santiago, Juliana

CAMINHADAS NA NATUREZA: UMA TRILHA POSSÍVEL PARA A  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR / Juliana Santiago ; orientador,  
Cristiane Ker de Melo, 2021.

p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. 1. I. Ker de Melo, Cristiane . II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Educação Física. III. Título.

Dedico este trabalho a toda classe trabalhadora e aos que lutam por um mundo melhor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha ousadia de ouvir o que eu realmente quero ser e romper com a imposição de padrões. Por ser mulher, lésbica, e a enfrentar tantas opressões com a cabeça erguida, por muitas vezes chorando, mas sempre seguindo em frente.

À minha vontade de construir uma Educação Física sobre bases teóricas críticas e revolucionárias.

À Mimi, minha digníssima mãe. Tenho a sorte de tê-la presente na minha vida me incentivando desde nascida a estudar o mundo, e a cuidar com muito zelo da natureza e sua diversidade de seres. Seu cafuné é o meu lugar favorito!

Ao meu pai, Carlos, que também me dá um cafuné maravilhoso. Agradeço por todas as vezes que me inspirou a estudar também, por me ensinar profundamente sobre os vinhos e sobre a música.

Às minhas irmãs, Karol, Manu, Karina, Paula, Marina e ao meu irmão André, cada um com seu jeito e conhecimentos me ensinaram a correr atrás do que me faz feliz. Com milhares de conselhos importantes, conversas confortantes, muita brincadeira e ovos quando passei no vestibular.

Aos meus primos e primas, especialmente ao Dudu, que me ensinou muito sobre planejamento para estudar.

À minha tia Maria, por todas as risadas e por todos os conselhos.

A família é grande, portanto, não poderei colocar todos os nomes, mas tenho a sorte de ter essa família incrível que respeita a diversidade do mundo e está atenta para aprender sempre. Amo muito vocês!

Às diversas terapias que me mantiveram com energia e me ensinaram muito sobre o que faz sentido para mim. Yoga, Reiki, Gestalt-terapia, a escrita do projeto Literar-se e as práticas corporais.

À Ina Neves, que conheci nos primeiros dias da graduação em uma partida de ping-pong e quero levar para toda a minha vida. Amiga, parceira para quase todas as aventuras que eu amo, e para os momentos desafiadores. Sempre me impulsionou fortemente para alcançar os meus sonhos.

À todas as minhas amigas, em especial Fe Gonçalves, Duda e Geórgia, que nessa reta final conseguiram estar mais presentes mesmo de longe (infelizmente), obrigada amigas por ouvirem meus choros e me darem força para finalizar esse trabalho.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Cris, que conheci na segunda fase do curso e me acompanhou por toda essa trajetória, muita gratidão por toda paciência, carinho e aos conhecimentos compartilhados. Você é uma grande referência.

A todos e todas minhas companheiras do Movimento Estudantil, em especial aos que constroem o CAEF e a ExNEEF, Bruna, Toni, Camile, Iana, Emilio, Liane, Fe, os Joãos, Mari H., Fran, Manu, Eli, Andri, Gui, Dieguito, Aly, Karol, Pain, Garcia, Marcella e tantos outros camaradas. Esse movimento me ensinou 95% do que eu sei sobre a realidade e como transformá-la. Seguiremos eternamente juntos na luta, amo muito vocês!

Aos meus camaradas do coletivo Alicerce, Amanda, Antônio, a Gabi, Iza, Nina, Lu, Sas, as Maris, Gabi N., Kauê, May e todos que o constroem com muito zelo, muita força e organização. Socialismo ou barbárie camaradas, o construiremos!

## RESUMO

Esta pesquisa de cunho qualitativo, aborda a caminhada na natureza e suas possibilidades como conteúdo para a Educação Física Escolar. Estrutura-se por uma combinação de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental e tem como método a dialética. Foram analisados 133 artigos encontrados nos seguintes periódicos: Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Motrivivência; Movimento e Pensar a Prática. Os documentos analisados foram: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis (PCRPMF). A partir da análise e discussão de documentos oficiais e referenciais teóricos, foi possível identificar a caminhada na natureza enquanto um conteúdo possível a ser desenvolvido no âmbito da educação física escolar, bem como, apresentar algumas possibilidades pedagógicas e, salientar as dificuldades encontradas para realizar o ensino desse conteúdo, dentre elas a falta de estudos referentes ao conteúdo caminhada na natureza no âmbito escolar .

**Palavras chave:** caminhada na natureza; práticas corporais na natureza; práticas corporais de aventura; *trekking*; trilhas; brincar e natureza; lúdico e natureza.



## **ABSTRACT**

This qualitative research approaches Nature Walk and its possibilities as content for school physical education. It is structured by a combination of bibliographic research and documentary research and has as method dialectic. We analyzed 133 articles found in the following journals: Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Motrivivência; Movement and Thinking practice. The documents analyzed were: Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB), Common National Curriculum Base (BNCC) and Curricular Proposal of the Municipal Network of Florianópolis (PCRPMF). From the analysis and discussion of official documents and theoretical references, it was possible to identify the walk in nature as a possible content to be developed in the context of school physical education, as well as to present some pedagogical possibilities and, highlight the difficulties encountered to perform the teaching of this content, among them the lack of studies related to the content of nature walk in the school environment.

**Keywords:** nature walk; bodily practices in nature; adventure corporeal practices; trekking; trails; play and nature.



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**BNCC** – Base Nacional Comum Curricular

**EFE** – Educação Física Escolar

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases

**PCA** – Práticas Corporais de Aventura

**PCAN** – Práticas Corporais de Aventura na Natureza

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Artigos aprovados, encontrados nas fontes pesquisadas	17
Tabela 2 - Ensino das práticas corporais na natureza	26

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.2 OBJETIVOS	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	14
1.3 JUSTIFICATIVA	14
1.4 METODOLOGIA	16
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>17</b>
2.1 UMA CAMINHADA PELAS TRILHAS DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	17
2.2 PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA NO CONTEXTO DOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO	21
<b>3. RESULTADOS</b>	<b>27</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O enfoque principal proposto neste trabalho se centra na prática de caminhada na natureza como possibilidade de conteúdo abordado nas aulas de Educação Física. A caminhada na natureza se inclui como uma das modalidades das denominadas práticas corporais de aventura na natureza (PCAN)<sup>1</sup>, pois, conforme expõe Marinho (2004), elas compõem um conjunto de diferentes modalidades, tais como: corrida de orientação, corrida de aventura, arvorismo, *mountain bike*, tirolesa, *rappel*, *slackline*, *high line* e etc (MARINHO, 2004). Apesar de a autora não citar a caminhada na natureza, esta pode ser incluída no contexto do “etc”.

Na busca de um entendimento dessas, diversas características são associadas às práticas corporais de aventura na natureza, sendo, a principal delas a possibilidade de interação dos seres humanos com a natureza, em razão do ambiente onde são praticadas, como o ar, os mares, os rios, as florestas e as montanhas. Outra característica que também pode ser destacada, é o caso da utilização ou não, de equipamentos específicos (INÁCIO et al, 2005). Nesse conjunto de modalidades com uma imensa variedade de possibilidades de espaços, técnicas e possibilidades de movimentos, e, em razão da exigência de espaços e equipamentos especializados para a prática da maioria dessas modalidades, para muitos, sua vivência pode se tornar inacessível. A caminhada de certa forma foge dessa regra, uma vez que é acessível em qualquer lugar.

Caminhar está no cotidiano da vida de uma grande parte da população, seja nos deslocamentos dentro da cidade para trabalhar, para fazer compras, para ir à escola, dentre outras necessidades. Para além dessas funções do dia-a-dia, há quem a adote como uma prática de lazer, nesse caso, pode ser praticada tanto dentro quanto fora da cidade.

A caminhada é uma prática corporal aeróbica, de baixo impacto, baixo custo em não exige equipamentos específicos, basta apenas um tênis confortável para que se possa realizá-la com mais segurança. Justamente por isso, é a mais fácil de ser acessada pelas pessoas. Vemos cotidianamente um significativo número de pessoas de diferentes idades, usando roupas e tênis específicos para caminhada/corrída em vários espaços da cidade. Já estão comprovados, através de pesquisas científicas, os seus múltiplos benefícios, dentre

---

<sup>1</sup> Também conhecidas como Práticas Corporais de Aventura (PCA) ou, Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFANSs)

alguns desses, podemos citar: prevenção de doenças respiratórias, auxílio na qualidade do sono, auxílio na redução do tabagismo, prevenção de doenças psicológicas como depressão e ansiedade, dentre outros benefícios (SAMPAIO, 2007).

Ademais, caminhar também pode ser considerada uma “prática de resistência social”, por possibilitar se contrapor à velocidade acelerada imposta pela sociedade que privilegia o “caráter utilitário das relações e emoções”. O caminhar facilita a lentidão, a apreciação do que nos rodeia e do âmago pessoal. (LE BETRON, 2012 apud LUDORF, 2021, p.7).

Entretanto, para tratar a caminhada na natureza como objeto de investigação, a presente pesquisa realça o termo Práticas Corporais de Aventura na Natureza por possibilitar a inclusão desse conteúdo em seu conjunto. Concomitante, a ênfase foi dada às possibilidades pedagógicas da relação dessas práticas em ambiente próximo à natureza. Neste sentido, o termo natureza é entendido por ambientes que contém elementos “naturais”, portanto, pouco urbanizados ou, sem intervenção humana.

Embora exista também as Práticas Corporais de Aventura Urbanas que priorizam ambientes menos naturais, ou seja, ambientes com maior incidência da interferência humana, tais como: “o *skate*, *parkour*, escalada *in door* e outras” (BRASIL, 2018, p 2019). Delimitamos para o ambiente natural porque o ambiente interfere na didática necessária para ensinar o conteúdo. Por exemplo, a BNCC propõe que as práticas corporais de aventura urbanas sejam ofertadas para o 6º e o 7º anos e as práticas corporais de aventura na natureza para o 8º e o 9º anos. E são as caracterizadas da seguinte maneira:

Por fim, na unidade temática Práticas corporais de aventura, exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. Algumas dessas práticas costumam receber outras denominações, como esportes de risco, esportes alternativos e esportes extremos. Assim como as demais práticas, elas são objeto também de diferentes classificações, conforme o critério que se utilize. Neste documento, optou-se por diferenciá-las com base no ambiente de que necessitam para ser realizadas: na natureza e urbanas. As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo etc. (BRASIL, 2018, p. 2018)

Portanto, a proposta deste trabalho consiste em realizar uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico combinado com uma pesquisa documental. Sustenta-se na construção de um entendimento acerca do conteúdo “práticas corporais de aventura na natureza/caminhada na natureza” no contexto da Proposta Curricular de Ensino do Município de Florianópolis, e

destaca como questão central norteadora: quais são as possibilidades de trato pedagógico do conteúdo prática de caminhada na natureza no contexto da Educação Física Escolar?

Diante das reflexões expostas, entendemos que a presente pesquisa poderá trazer contribuições importantes para a Educação Física Escolar, uma vez que se propõe analisar o que a produção literária na área tem discutido e refletido sobre a temática em questão, em especial, dialogar com uma proposta curricular de âmbito municipal.



## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Discutir as possibilidades de trato pedagógico do conteúdo Práticas Corporais de Aventura na Natureza - com foco na modalidade caminhada na natureza -, no contexto da Educação Física Escolar.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Construir um entendimento sobre a modalidade “caminhada na natureza” enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, a partir do repertório teórico encontrado
- Apresentar e discutir o entendimento do conteúdo “práticas corporais de aventura na natureza/caminhada na natureza” presente nos documentos oficiais, com destaque para a Proposta Curricular de Ensino do Município de Florianópolis.
- Apresentar uma possibilidade de trato pedagógico/intervenção com a modalidade “caminhada na natureza” no contexto da Educação Física Escolar.

## **1.3 JUSTIFICATIVA**

As justificativas deste trabalho se pautam tanto na experiência de vida da pesquisadora, quanto nas circunscrições legislativas que envolvem o tema e, a produção científica que a sustenta.

O entusiasmo por essa temática surgiu de um constante incentivo familiar e de alguns professores em relação ao zelo pelos elementos naturais e os seres vivos, bem como em decorrência de experiências de uma infância e adolescência vividas em um contexto rural no município de Santo Amaro da Imperatriz/SC. Uma área geográfica de abundante riqueza natural, com muitas cachoeiras, trilhas e montanhas; onde se localiza o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, uma unidade de conservação brasileira de proteção integral à natureza. Já no ambiente da universidade, no curso de licenciatura em Educação Física, a temática das Práticas Corporais na Natureza continuou a ganhar importância na graduação e a orientar minha caminhada. Primeiro, com a disciplina Esportes de Aventura, que constituiu um tempo e espaço importante de aprendizado nesse caminho. Essa disciplina oportunizou pensar as

relações complexas e intercambiáveis entre as temáticas Educação Física, Corpo e Natureza. Nesse momento, as indagações se multiplicaram e algumas outras experiências oportunas surgiram.

Um segundo momento, igualmente significativo nessa formação, foi a possibilidade de participar como bolsista do subprojeto “ComparTrilhando”, uma das ações que integra o Projeto de Extensão “Práticas Corporais” do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Essa experiência acrescentou muitos conhecimentos, potencializou a sensibilidade e ampliou a motivação em estudar mais a fundo o universo das práticas na natureza. Como bolsista do referido projeto tive a oportunidade de estudar, planejar, organizar e conduzir alguns grupos por trilhas ecológicas na cidade e, em especial, uma trilha ecológica realizada com uma turma de 4º ano do fundamental I de uma escola pública localizada em uma comunidade muito empobrecida na região central da cidade de Florianópolis. Muitos alunos dessa turma nunca haviam colocado os pés no mar. Essa experiência me impactou e levou a pensar na enorme riqueza natural que Florianópolis abriga e, sobre como é difícil o acesso de um significativo número de cidadãos (crianças) a conhecerem e vivenciarem esses ambientes. Mesmo contendo inúmeras praias, trilhas, lagoas, etc. grande parte de seus moradores ainda vivem em uma realidade que dificulta o acesso a tais lugares.

Essas experiências fomentaram o interesse de aprofundar o contato com a produção bibliográfica e com as dimensões legislativas educacionais que envolvem o tema em questão. Nesse âmbito, foi possível identificar como a temática vem sendo abordada, ou não, nos documentos que norteiam a educação brasileira, em específico, a Educação Física Escolar. Igualmente, identificar como nesse universo de práticas possíveis de serem vivenciadas junto à natureza privilegia algumas modalidades em detrimento de outras.

Um outro argumento que se apresenta é em função do fato de que no campo da produção acadêmica as pesquisas sobre as Práticas Corporais de Aventura se expandiram nos últimos anos, mas ainda há muito o que explorar e estudar. Assim acredito que sistematizar os conhecimentos sobre as Práticas Corporais de Aventura na Natureza, voltados e adaptados para a escola, pode corroborar para enriquecer o repertório de movimentos e conhecimentos dos educandos. Esse aspecto é importante, pois muitas vezes vemos replicar sistematicamente dentro da Educação Física, uma hegemonia do modelo esportivo, dessa forma, as Práticas Corporais de Aventura na Natureza constituem um conteúdo diferenciado para essa superação. Esse conteúdo possibilitará trabalhar valores pouco considerados em práticas cujo objetivo único é vencer o adversário. Nesse novo repertório, aprendizagens como: colaboração,

cooperação, conexão com a natureza, consciência da responsabilidade de todos com o todo, respeito ao próximo, cuidado com o meio ambiente etc. tornam-se fundamentais (MARINHO, 2004).

#### 1.4 METODOLOGIA

A pesquisa científica aqui exposta foi construída por meio de um processo denominado por Minayo e Romeu (2007) de “ciclo de pesquisa”. Tal ciclo se constrói em três fases, na seguinte ordem: pesquisa exploratória, pesquisa inicial e análise de tratamento do material. A primeira fase foi constituída pelo projeto de pesquisa, material onde apresentamos o objeto de estudo, dialogamos com teorias e pensamos procedimentos metodológicos que nos alicerçaram para iniciarmos a pesquisa inicial. (MINAYO; ROMEU, 2007)

Para a pesquisa inicial a estratégia metodológica escolhida foi o diálogo da pesquisa bibliográfica com a pesquisa documental. No que tange a pesquisa bibliográfica foi a busca por um amplo repertório de conhecimentos teóricos sobre o tema através das fontes bibliográficas (LIMA; MIOTO, 2007). Delimitamos as fontes de acordo com os recursos de materiais que tínhamos a possibilidade de acesso no momento, visto que a biblioteca da universidade esteve fechada em virtude da conjuntura pandêmica, assim escolhemos materiais com acesso pela internet. Perante este limite buscamos garantir a qualidade das fontes ao escolher periódicos que denotam relevância para a área da Educação Física Escolar. A preferência foi dada para a organização de um referencial teórico ampliado capaz de trazer elementos que indagam e fomentam reflexões críticas e transformadoras. As revistas designadas foram: Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Motrivivência; Movimento e Pensar a Prática.

Nessa busca, foram utilizadas as seguintes palavras chaves para a pesquisa: caminhada na natureza, *Trekking*, Trilhas, Práticas Corporais na Natureza, Práticas Corporais de Aventura, Lúdico e Natureza. Nessa busca encontramos como resultado 133 artigos. Os critérios de inclusão foram: a) estudos que aconteceram no período temporal a partir do ano 1992, por se tratar do marco teórico-prático do Movimento Renovador da Educação Física; e o período acaba em maio de 2021 por ser o ano de finalização desta pesquisa, b) práticas corporais de aventura na natureza no contexto escolar, c) caminhada na natureza. Quanto aos critérios de exclusão, destacamos: a) não estar no contexto escolar, b) não falar das práticas corporais na natureza. Portanto, apresentamos na tabela abaixo os artigos que estavam dentro dos critérios:

Tabela 1 - Artigos aprovados, que foram encontrados nas fontes pesquisadas

<b>REVISTA MOTRIVIVÊNCIA</b>	
Título	Autores
Pedagogia histórico-crítica e Educação Física: o ensino das práticas corporais de aventura nos anos iniciais	Leonardo Carlos de Andrade, Jéssica da Silva Duarte de Andrade e Sérgio de Almeida Moura
A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório	Humberto Luís de Deus Inacio, Caroline Castro Sousa e Lídia Ferreira Machado
Travessia da aventura: da ausência na escola à inclusão em documentos orientadores	Luiz Gustavo Nicácio
Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular	Luiz Gustavo Nicácio, Dayse Alisson Camara Cauper, Luzia Antônia de Paula Silva, Gleison Gomes de Morais
<b>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</b>	
Título	Autores
Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos	Aleyane Marinho
<b>Revista Movimento</b>	
Título	Autores
Diagnóstico sobre a abordagem das práticas corporais de aventura em aulas de educação física escolar em Ilhéus/BA	Alexander Klein Tahara e Suraya Cristina Darido
Diálogos entre o corpo e a natureza: as práticas corporais ao ar livre e a educação física escolar	André Dalben
<b>Revista Pensar a Prática</b>	
Título	Autores
Atividades de aventura na educação física escolar: uma análise nos periódicos nacionais	Jayson Gonçalves, Jéssica Cozza, Fernanda Granato de Souza e Marcos Paulo Vaz de Campos Pereira
Lazer, educação e meio ambiente: uma aventura em construção	Humberto Luís de Deus Inácio

Fonte: elaboração pela autora (2022)

O exercício da combinação de pesquisa bibliográfica e documental, seguiu 3 etapas gerais. A primeira, diz respeito ao trato com os materiais teórico-bibliográficos; a segunda, tratou da pesquisa documental; enquanto a terceira, caminhou pelo processo analítico de todo esse conhecimento e a construção dos resultados.

Especificamente em relação à pesquisa bibliográfica seguimos a seguinte ordem de ações: 1) exclusão dos materiais duplicados; 2) leitura dos resumos; 3) exclusão dos resumos

que não seguiram os critérios de inclusão; 4) leitura completa dos artigos selecionados - resultando em um total de nove artigos; 5) fichamento dos artigos aprovados com o recorte de suas partes que discorriam sobre as categorias: objetivos do ensino; métodos de ensino e dificuldades para o ensino.

Após esse mergulho teórico, partimos para a pesquisa documental com a identificação e análise da temática nas seguintes legislações:

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB);
- Base Nacional Comum Curricular (BNCC);
- Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis (PCRPMF). Esta, a principal referência de apoio para este estudo.

No que tange o objetivo da construção de possibilidades pedagógicas, a pedagogia crítico superadora foi a escolhida para nortear essa ação. Metodologia que tem como ponto de partida a leitura da realidade social mais ampla como base para trabalhar na realidade das escolas. “Deste enfoque, defende-se o caminhar da realidade social, como um todo, para a especificidade teórica da sala de aula e desta para a totalidade social novamente, tornando possível um rico processo dialético de trabalho pedagógico”. (GASPARIM, 2009)

Por fim, de posse de todos esses elementos, deu-se a elaboração do texto, a discussão e análise das informações. Esta seguiu uma vertente qualitativa com o método dialético, que procura construir uma análise do objeto de estudo com relação à totalidade, como esclarece Minayo et al (2007): “...busca encontrar na parte, a compreensão e a relação com o todo”. Portanto, trouxemos elementos históricos como por exemplo, o caminho percorrido para que a caminhada na natureza se tornasse conteúdo da educação física, elementos da realidade atual que demonstra sua importância e discussão sobre as dificuldades encontradas para tornar possível o ensino deste conteúdo.

## **2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

### **2.1 UMA CAMINHADA PELAS TRILHAS DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

O ser humano hoje vive em meio aos grandes centros urbanos, envolvido e hipnotizado pela tecnologia em todos os espaços cotidianos, com isso, vem se distanciando cada vez mais de uma das dimensões que também o compõem, a natureza. Por essa distância estabelecida, adentrá-la constitui uma grande aventura, posto ser um mundo desconhecido

para um significativo número de pessoas. Aventura e natureza parecem ser termos que se atraem quando se trata das práticas corporais. Por seus desafios, riscos e incertezas, sua vivência se torna uma aventura.

Por conta disso, essa caminhada teórica inicia-se abordando a “bagagem” das diversas terminologias associadas às Práticas Corporais de Aventura na Natureza e os autores que as têm discutido. É possível encontrar na literatura referências a essas práticas como: Atividades Físicas de Aventura na Natureza<sup>2</sup> (BETRAN, 2003 apud PIMENTEL, 2013); Práticas Corporais de Aventura (INÁCIO et al, 2005 apud PIMENTEL, 2013); Esportes Radicais (UVINHA, 2001 apud PIMENTEL, 2013), Esportes na Natureza (DIAS, 2007 apud PIMENTEL, 2013), dentre outras. Segundo Pimentel (2013), todas essas terminologias possuem uma intencionalidade e significados que nem sempre coincidem. Completa ainda o autor que elas foram sendo propostas ao longo do processo de discussão e entendimento dessas práticas no contexto das complexidades que as envolvem.

Exemplo disso é apresentado por Dias (2007 apud PIMENTEL, 2013) ao discutir o termo Esporte na Natureza. Segundo ele, a palavra “esporte” tem um significado atrelado somente às práticas com uma carga de regras e codificações, o que exclui outra gama de práticas corporais que podem ocorrer na natureza. Concomitantemente, o termo “natureza” limita-se ao local da prática, não fazendo referências às práticas de aventuras que ocorrem no meio urbano. Sobre o termo “na” refere-se à situações não necessariamente vinculadas às preocupações com as causas ambientais. Ele identifica diversas problemáticas ao limitar o entendimento dos termos a um conceito, por isso, propõe “o consenso de não haver consenso” sobre as multiplicidades dos conceitos, e sugere o termo Atividade de Aventura como um “guarda-chuva” capaz de agregar todas essas modalidades, ainda, indica a necessidade de mais estudos antes de tomar ações conclusivas. (PIMENTEL, 2013)

O termo Práticas Corporais de Aventura de acordo com Inácio (2014 apud NICÁCIO, 2020) é uma tentativa de romper com o limite biologistas associado ao termo “Atividade Física”; sendo assim, a proposta de utilizar “Práticas Corporais” se dá em razão de considerar as múltiplas dimensões humanas. Já em relação à palavra “aventura” esta encontra-se associada ao risco e à incerteza que envolvem essas práticas.

Os Esportes de Aventura constituem um conjunto de práticas recreativas que surgiram nos países desenvolvidos na década de 1970, e que se desenvolveram e se consolidaram na década de 1990 como uma emergência atrelada aos novos hábitos e gostos da sociedade pós-industrial. Essas práticas passaram a ser uma alternativa de vivência lúdica no lazer, pois

---

<sup>2</sup> Em muitos trabalhos que utilizam essa referência, encontramos a abreviatura AFAN's

correspondiam a demandas higiênicas e competitivas relacionadas com os distintos modelos corporais idealizados, por isso ganharam visibilidade na sociedade. (BETRÁN, 2003 apud MACEDO & BENTO, 2009)

É nesse contexto que várias dessas atividades passaram e ainda passam por um processo de "esportivização" (SERRANO, 2000 apud MACEDO & BENTO, 2009), portanto, essas práticas começaram a ser vivenciadas a partir da referência do alto rendimento. Antigamente era mais importante divertir-se que exibir uma técnica, os esportistas buscavam somente o lazer e o prazer de aventurar-se. Hoje, estes utilizam seu tempo disponível para aperfeiçoar sua técnica visando competições e vitórias (MARINHO, 2003 apud MACEDO & BENTO, 2009).

A caracterização das Práticas Corporais de Aventura na Natureza pela esportivização as distanciam significativamente de sua vivência em uma dimensão lúdica. Pois, o processo de esportivização carrega a comparação e, o desempenho máximo é uma obrigação, enquanto que o lúdico é experiência de fruição.

As Práticas Corporais de Aventura vivenciadas nesse campo da ludicidade podem contribuir para construir uma experiência de integração, de composição com a natureza. Sendo assim, o "esporte" de aventura pode também ser utilizado no âmbito escolar como ferramenta para a educação. Tubino (2001) afirma que o esporte de aventura tem um grande potencial para a educação, principalmente, para formação do caráter do indivíduo. Através dessas práticas pode-se trabalhar também a educação ambiental, a preservação do meio ambiente, já que a natureza é necessária para essas práticas, além de outros aspectos formadores do indivíduo. Cumpre lembrar também que, no âmbito escolar, o propósito da vivência das Práticas Corporais de Aventura na Natureza não deve ser orientado para uma reprodução desse modelo esportivo, mas como práticas construídas e ressignificadas a partir dos sentidos do próprio "chão" e contexto da escola.

É impossível tratar das Práticas Corporais de Aventura na Natureza e não abordar a questão ambiental. Portanto, ao pensar em levar esse tema para dentro da escola, buscamos apoio na indicação de Aveline (1999), que diz haver a necessidade de construção de uma educação baseada em uma ecologia profunda. Essa perspectiva é capaz de olhar o universo e a nós próprios como unidade, reconhecendo e respeitando um dos princípios herméticos, o da correspondência, isso significa dizer que não só as partes estão contidas no todo, mas também, que o todo está presente em cada parte.

Compreender esse processo nos exige uma alfabetização, uma leitura ecológica sobre a vida para entender que vivemos em um ambiente conectado e complexo. Exige

compreender também que estamos inseridos e, ao mesmo tempo, tecendo uma grande teia da vida (CAPRA, 2012).

Nessa mesma perspectiva, Guattari (1990) nos lembra que o planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas que engendram fenômenos de desequilíbrios ecológicos, os quais, se não forem contidos, ameaçam a vida em sua superfície. Os modos de vida dos seres humanos estão contribuindo para deteriorar cada vez mais o planeta. Assim, o autor ressalta a urgência da prática das três ecologias, a individual, a social e a ambiental. Essas ecologias constituem territórios existenciais e não-isolados. Esses princípios “eco” necessitam estar presentes no âmbito educativo.

Portanto, tratar de qualquer das modalidades de Práticas Corporais de Aventura na Natureza, em nosso caso, as Caminhadas na Natureza, não pode estar dissociada das discussões elencadas acima. Sendo assim, antes de incluir essa modalidade na escola, é necessário destacar os variados contextos, seja ele social, histórico, cultural, político, econômico, religioso, que essa ação, tão rotineira em nosso cotidiano, se dimensiona, ganha diferentes significados e tem implicações na vida como um todo.

Andar/caminhar constitui um movimento básico do ser humano, aprendido em geral muito antes do segundo ano de vida do bebê, a partir daí se torna um gesto automatizado. A capacidade de caminhar sobre os dois pés e com a coluna ereta precisou ser aprendida e partiu de uma necessidade de sobrevivência do homem pré-histórico em meio à natureza selvagem que o cercava. Isso possibilitou ao ser humano explorar, descobrir, conquistar e construir muitas coisas ao longo de sua história no planeta.

Igualmente, podemos tomar como referência um exemplo muito próximo de nós, os povos indígenas, que caminhavam em meio à mata fechada por vários dias desbravando trilhas, escalando rochedos, atravessando rios, etc., em busca de alimento. Uma relação homem-natureza marcada por um modo de viver que toma a natureza como parceira, portanto, uma postura que se diferencia de uma relação antropocêntrica. (NETO, 2008, p. 22). Na visão antropocêntrica os interesses do ser humano são colocados acima de tudo e de todos, pois o consumo e a sobrevivência estão no topo das prioridades. Tal postura produz uma relação utilitarista e produtivista em relação à natureza e outros seres, subjugando-os.

Diante do fato de estarmos chegando a uma linha limítrofe e sem volta em relação à sustentabilidade do planeta, é urgente pensar uma educação que tenha a intenção de construir uma outra relação entre homem-natureza. É nesse contexto de discussão que surge o termo “ecomotricidade”, o qual tem como horizonte a proposição de práticas corporais como recursos pedagógicos dialógicos, tendo como intenção: refletir sobre a relação



“corpo-natureza”, para que os sujeitos compreendam as demandas do meio ambiente. Tendo como perspectiva a realização de “hábitos ecologicamente sustentáveis”. (NASCIMENTO; REIS; TÜKR, 2018).

Considerando essas distintas formas de caminhar na vida e, partindo do entendimento que a natureza também inclui o ambiente ao redor, seja ele “natural” ou urbano, as Caminhadas na Natureza enquanto uma das possíveis modalidades de Práticas Corporais de Aventura na Natureza, pode constituir-se como um conteúdo temático para o contexto das aulas de Educação Física na escola.

Desbravar, descobrir e trilhar caminhos pela cidade/natureza, por meio da linguagem e dos elementos lúdicos da cultura, permite um processo de sensibilização dos sujeitos envolvidos. Educadores e alunos podem se sensibilizar para e por meio da experiência vivida com a caminhada. E, as Práticas Corporais de Aventura na Natureza podem ser experienciadas a partir de uma dimensão lúdica, como sugere Inácio et al. (2005), ao estruturá-las enquanto práticas de “travessuras na natureza”, que vislumbra se opor a lógica utilitarista e capitalista, tendo como perspectivas a reflexão contínua e a emancipação dos sujeitos.

Portanto, a Educação Física pode e deve caminhar na direção de não reduzir as práticas a um fim em si mesmas ou, a realizá-las a partir de um cronômetro, mas tratá-las como possibilidade de intervenção educativa, emancipadora e transformadora no âmbito escolar. Por meio da vivência e de outros elementos culturais presentes nessa prática de trilhas/caminhadas, sensibilizar para o ambiente inteiro. (SOARES et al, 1992)

## 2.2 PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA NO CONTEXTO DOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO

Para um conteúdo se constituir conteúdo escolar o processo é complexo, há que considerar os indicativos legislativos como os documentos que norteiam a educação; a influência das mídias, as orientações da produção acadêmica e a autonomia dos professores para planejar o ensino, relevando as especificidades de cada escola. Esses são alguns dos elementos que influenciam no processo de escolarização de um conteúdo (NICÁCIO, 2020).

Ligado à produção acadêmica e teórica, o Movimento Renovador da Educação Física faz parte dos fenômenos estopins para a entrada das Práticas Corporais de Aventura nos currículos da Educação Física Escolar. O autor afirma que “a escalada da noção de Cultura Corporal como objeto da Educação Física permitiu que reflexões advindas das ciências

humanas, campo em que uma parcela significativa da produção sobre as Práticas Corporais de Aventura bebe na fonte, fizessem parte do fazer docente desta disciplina”. (NICÁCIO, 2020)

Para pensar o como fazer, o movimento renovador da Educação Física materializou essa discussão acerca dos conteúdos e do processo de sistematização dos mesmos no livro *Metodologia do Ensino da Educação Física* (SOARES et al, 1992). Tal produção é evidenciada como referencial teórico dos Parâmetros Nacionais Curriculares. Apesar deste documento não mencionar tais práticas, o documento indica o que fazer e, por outro lado, evidencia incertezas de como fazer, portanto, “esse contexto de incertezas favoreceu por um lado a crise, mas, por outro, um movimento de inclusões de novos conteúdos, exercícios de criatividade dos docentes e pesquisadores no campo da Educação Física para buscar caminhos para situação em que essa disciplina e seus professores se viam”. (NICÁCIO, 2020)

Outros marcos históricos que influenciaram na ascensão deste conteúdo foram: 1º Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura no ano 2006; Criação do canal OFF em 2011, cujo maior material divulgado é sobre às Práticas Corporais de Aventura em especial na natureza; 2016 a Base Comum Curricular inclui as Práticas Corporais de Aventura; Inclusão do surf, skate e escalada nas Olimpíadas. (NICÁCIO, 2020)

A educação básica brasileira é norteada por uma série de documentos nos âmbitos nacional, estadual e municipal. A lei de número 9.394/1996 estabelece as Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no âmbito nacional e, “disciplina” a educação básica e a educação superior. Esta tem como finalidade “(...) desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996, Art. 22. p. 8). Considerando essa dimensão, neste trabalho centraremos esforços para analisar apenas as seções referentes à educação básica.

No que tange às Práticas Corporais de Aventura na Natureza, a LDB não faz nenhuma menção a este termo específico e nem tão pouco aos outros associados. A temática mais próxima citada é a Educação Ambiental, a qual foi incluída no documento no ano de 2012. Registra-se o seguinte: “Os currículos do ensino fundamental e médio devem incluir os princípios da proteção e defesa civil e a educação ambiental de forma integrada aos conteúdos obrigatórios” (BRASIL, 2012. Art. 26. § 7º p. 9). Porém, em 2017 sofreu ainda mais algumas modificações, assumindo um caráter não obrigatório, torna-se vigente com a seguinte redação: “A integralização curricular poderá incluir, a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo os temas transversais (...)” (BRASIL, Lei nº 13.415, 2017).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, retrata seis unidades temáticas para a Educação Física, sendo: brincadeiras e jogos, lutas, esportes, ginástica, danças e, as Práticas Corporais de Aventura (na cidade e na natureza). As PCAN são designadas para os oitavos e nonos anos e para todo o ensino médio. Tal documento as caracteriza como práticas que se relacionam com as imprevisibilidades que podem ocorrer quando o praticante interage com o ambiente desafiador e exemplifica diversas modalidades, tais como: corrida de orientação, corridas de aventura, arvorismo, *mountain bike* e tirolesa. Embora o referido documento não cite caminhada na natureza ele indica “outros conteúdos” que abrem brechas para outras possibilidades de trabalho na Educação Física Escolar com tais características (BRASIL, 2018).

No âmbito municipal, a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (PRCRMF) em sua versão instituída no ano dois mil e dezesseis (2016) e, vigente até o momento atual, encontra-se organizada em duas partes. A primeira parte, cujo título é “Currículo: pressupostos, princípios e práticas”, apresenta um histórico da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, bem como a conceituação de vários termos. A segunda parte reúne os Componentes Curriculares do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Educação Especial e da Educação Escolar Quilombola. Nesse contexto, o conteúdo Práticas Corporais de Aventura na Natureza, é apresentado apenas para o Ensino Fundamental. (FLORIANÓPOLIS, 2016)

Concomitantemente, esta parte do documento apresenta quatro áreas de conhecimentos: as Linguagens, as Ciências Humanas, as Ciências Naturais e a Matemática. Ao conceituar conhecimento a proposta afirma que ele:

“[...] emerge do movimento dialético entre as vivências discentes já historicizadas e aquelas que passam a se consolidar no espaço escolar, entre os sujeitos da aprendizagem, em percurso de formação humana que contempla estudantes críticos/as e que se posicionam a partir do conjunto de suas relações, o que inclui o contexto escolar, mas não se limita a ele” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 26).

Portanto, a escola tem o papel de discutir a relação do conhecimento adquirido no cotidiano e os conhecimentos científicos. Cada área de conhecimento tem seus componentes curriculares, contendo objetivos e perspectivas e traz ações indicadas a serem consideradas no planejamento do ensino em todas as áreas. São elas:

**I** (introduzir): Implica noções gerais dos conceitos em estudo.

**A** (aprofundar): Implica aprofundamento conceitual no que diz respeito a características e sistematizações básicas.

**C** (consolidar): Implica uso de linguagem específica da área como suporte ao pensamento complexo e abstrato, com apropriação de procedimentos e influenciando atitudes.

**R** (retomar): Implica utilização, em contextos diversos, dos conteúdos já formalizados e consolidados. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 65)

A Educação Física faz parte da área de conhecimento das Linguagens junto com os componentes da Língua Portuguesa, das Línguas Estrangeiras e das Artes. Para cada componente é apresentado: desafios específicos, desafios didáticos, eixos, objetivos, conceitos e considerações sobre a prática. A partir disso, tem sido um desafio o pensar e o fazer desse componente curricular, pois no decorrer de sua história foram defendidas na área diferentes perspectivas pedagógicas, nelas incluindo os variados entendimentos sobre o corpo, cultura e movimento. Na edição atual dessa legislação é proposto que a Educação Física tenha o seguinte entendimento:

“...os corpos em movimento não podem ser compreendidos apenas em sua dimensão motriz ou anátomo-fisiológica, pois expressam sentidos construídos e partilhados socialmente em um dado contexto histórico, o movimento humano passa a ser entendido como uma forma de expressão cultural” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 130).

É dito que no contexto da proposta o sistematizar e o reelaborar criticamente esse componente parte dos movimentos teóricos que o discutem como Cultura Corporal de Movimento. Pelo documento, se reconhece que a área tem duas exigências, são elas: “a) alargamento das vivências das práticas corporais sistematizadas; b) a necessidade de conhecer corporal e conceitualmente as abordagens para tal estudo” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 132).

O documento considera ainda, o rico patrimônio de práticas corporais que devem ser sistematizadas e relacionadas. Para a proposta municipal as manifestações da cultura corporal de movimento constituem o objeto de estudo da Educação Física no Ensino Fundamental, e destaca entre eles: brincadeiras e jogos, ginásticas, práticas corporais rítmicas, lutas, esportes e práticas corporais alternativas e na natureza. Cada manifestação está organizada em uma tabela com Eixos, Objetivos e as Ações indicadas para cada ano do ensino fundamental.

Os Eixos que norteiam o ensino dessas manifestações são os mesmos para todas, sendo eles:

- 1) Ampliação das possibilidades de movimento dos seres humanos;
- 2) Conhecimento das manifestações sistematizadas da cultura corporal de movimento;
- 3) Compreensão das estruturas e representações sociais que atravessam o universo das manifestações da cultura corporal de movimento.

Quanto aos Objetivos, esses são específicos para cada manifestação corporal e o documento indica que o processo de ensino e aprendizagem não é linear, ele segue conforme

as etapas escolares avançam, dessa forma, o conhecimento sobre as práticas tende a se complexificar progressivamente. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 148). Como podemos visualizar na tabela das manifestações corporais relativas às Práticas Corporais de Aventura na Natureza, presente na Proposta Curricular da Rede de Ensino do Município de Florianópolis

EXOS	OBJETIVOS	1.º Ano	2.º Ano	3.º Ano	4.º Ano	5.º Ano	6.º Ano	7.º Ano	8.º Ano	9.º Ano
Ampliação das possibilidades de movimento dos seres humanos.	Experimentar, desfrutar e recriar diferentes práticas corporais na natureza, como esportes, campismo, passeios, trilhas, montanhismo, banhos, jogos etc.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
	Experimentar, desfrutar e recriar diferentes práticas corporais alternativas, como as circenses, Yoga, Pilates, tecido acrobático, artes marciais, Tai-Chi-Chuan, Lang-Gong, Chi Kung, ginástica natural, antiginástica, biodança, massagens, meditações etc.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
	Formular estratégias para identificar possibilidades e desafios em realizar práticas corporais alternativas e na natureza.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
Conhecimento das manifestações sistematizadas da cultura corporal de movimento	Identificar situações de risco presentes nas práticas corporais na natureza e respeitar normas de segurança.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
	Conhecer e empregar técnicas, posições, gestos, coreografias etc. na vivência de práticas corporais alternativas.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
	Conhecer e empregar habilidades técnicas e de segurança básicas para a vivência de práticas corporais na natureza.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
	Identificar, explorar e avaliar locais disponíveis na comunidade para a realização de diferentes práticas corporais alternativas e na natureza.					I	I	A	C	R
	Empregar distintas formas de representação a partir de diferentes linguagens, como escrita (considerando os diferentes gêneros do discurso), plástica, cênica, oral, musical, fílmica, fotográfica etc., para registro, análise e avaliação de situações e sentimentos vivenciados, de conhecimentos e experiências produzidas no contexto das aulas sobre práticas corporais alternativas e na natureza.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
	Reconhecer, verbalizar e problematizar sentimentos, sensações, limites e possibilidades pessoais e contextuais vivenciadas durante um momento específico ou da aula como um todo, incluindo os entremomentos.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
	Realizar práticas corporais na natureza, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos da degradação ambiental.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
	Reconhecer e desfrutar da representação das práticas corporais alternativas e na natureza em diferentes gêneros do discurso, manifestações artísticas, jogos eletrônicos e tecnologias de informação e comunicação.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
	Reconhecer e refletir sobre características, concepções, singularidades e transformações de diferentes práticas corporais alternativas.					I	I	A	C	R
Compreensão das estruturas e representações sociais que atravessam o universo das manifestações da cultura corporal de movimento	Compreender criticamente as transformações históricas dos sentidos e significados constitutivos das práticas corporais alternativas e na natureza, bem como as possibilidades de recriá-las.					I	I	A	C	R
	Compreender e analisar as complexas relações entre natureza e cultura, biológico e social, desenvolvimento e preservação, equilíbrio e desequilíbrio, alimentação e saúde, entre outras, que marcam sentidos e significados atribuídos às práticas corporais alternativas e na natureza.					I	I	A	C	R
	Reconhecer e refletir sobre as características (riscos, instrumentos, equipamentos de segurança indumentária, organização) e tipos de práticas corporais na natureza.					I	I	A	C	R
	Compreender e analisar as possibilidades de apreciar práticas corporais alternativas e na natureza para a promoção de bem-estar, consciência corporal e saúde.					I	I	A	C	R

Figura 1 – Proposta Curricular da Rede de Ensino do Município de Florianópolis. 2016. p. 158

A proposta apresenta argumentações e indicações para o ensino da Cultura Corporal de Movimento e as Práticas Corporais na Natureza. A tabela que fala das PCAN, menciona

dezesseis objetivos e, cada ano escolar tem a sua ação específica. Podemos identificar a indicação dos “passeios” e “trilhas” como uma possibilidade de conteúdo a ser trabalhado na Educação Física Escolar, sendo essas atividades consideradas para todos os anos do ensino fundamental (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 158).

### 3. RESULTADOS

Agora faremos a discussão sobre os artigos encontrados e o que eles discorrem em relação às categorias escolhidas, das quais foram: objetivos de ensino, métodos de ensino e dificuldades para o ensino.

No que tange aos objetivos de ensino são evidenciados o conscientizar os alunos sobre a importância da natureza e o cuidar dela, construir uma relação de parceria entre o ser humano e os outros elementos da natureza, construir um entendimento de que fazemos parte da natureza a fim de superar a ideia de que o ser humano tem mais valor perante os outros elementos. Para assim, tornar os alunos em sujeitos engajados em defender a natureza. Outras relações são fortalecidas, alunos-alunos e a relação professor-alunos, ao proporcionar situações em que o trabalho coletivo é necessário, acontecem ajudas interpessoais para a superação de medos. (FLORIANÓPOLIS, 2016; MARINHO, 2004; TAHARA; DARIDO, 2018)

Com base na pedagogia histórico-crítica, Andrade et al (2020) cita os seguintes objetivos:

“1) Conhecer os fundamentos básicos das práticas corporais de aventura; 2) Levantar e problematizar os conceitos como sustentabilidade e educação ambiental; 3) Conhecer diferentes modalidades das práticas corporais de aventura passeando pelas histórias do livro “Esporte e Aventura: Turma do Sítio” da Editora Global; 4) Diferenciar as práticas de aventura na natureza (terra, na água e no ar); 5) Vivenciar elementos que transmitem a ideia de aventura (obstáculos, surpresas, medo, risco, superação, etc); 6) Elaborar uma história coletiva tematizando as Práticas Corporais de Aventura, retomando conceitos.”

Sobre os métodos de ensino, é importante pensarmos sobre a relação ser humano-natureza, porque se queremos uma educação que defenda a natureza essa relação não pode ser destrutiva, os autores fazem essa discussão. Segundo Tahara et al (2006), devemos construir “uma relação gratificante e solidária, não pautada por critérios de produção e consumo, mas pela descoberta de um novo modelo corporal em que surge um vínculo ético e afetivo para com o meio ambiente natural.”

Outros autores preferem a abordagem histórico-cultural das práticas corporais tendo como intuito discutir como foi a construção social das práticas corporais. O papel da educação

física nesse contexto é de facilitar a apreensão, através do saber já desenvolvido pelas sociedades em diferentes épocas e lugares. (DALBEN, 2015)

Nesta pesquisa escolhemos a histórico-crítica por acreditar que o papel da escola é para além de compreender o que existe, mas construir uma análise crítica sobre o que existe e, transformar o que não seja favorável para a classe trabalhadora. (SOARES et al, 1992; GASPARIM, 2009)

Como exemplo, ocorreu um estudo sobre as práticas pedagógicas em uma escola municipal na Costa da Lagoa em Florianópolis, que colocou em prática elementos dessa pedagogia. Sendo que a escola tem bastante natureza na área da escola e no seu entorno. O professor de educação física buscou construir essa relação ao incluir esses espaços nos seus planos de aulas. Como exemplo, um dos conteúdos foi sobre *stand up paddle*, o professor construiu com as crianças pranchas com garrafas pet recicladas e levou pranchas feitas em fábricas para discutir sobre as suas diferenças. Uma das aulas ocorreu na lagoa que fica próxima a escola onde as crianças puderam experimentar a flutuação com as pranchas. (MANFROI et al, 2015)

Segundo Dickson e Gray (2012 apud TAHARA, DARIDO, 2018), para o ensino das práticas corporais de aventura é necessário ter um planejamento sob os riscos de tais práticas e propõe condutas como: envolver alunos, monitores e professores no planejamento e durante a prática; a prática ser monitorada e revista, durante o tempo todo e de acordo com o contexto; e evidenciar a condição dos equipamentos etc. Condutas para minimizar os riscos durante a prática.

A visibilidade sobre a PCAN dentro da sociedade tem sido expandida, com a mercantilização dessas práticas, mas também nos documentos oficiais da educação. A ousadia dos professores em colocar elas para debate e em suas aulas contribui para essa expansão (NICÁCIO, 2020). Ainda assim, há dificuldades para o ensino delas. São evidenciadas: escassez de recursos nas próprias escolas, falta da discussão deste conteúdo na formação dos professores dentre outros fatores que dificultam o ensino deste conteúdo. (INÁCIO, SOUSA, MACHADO, 2020)

No quadro das disciplinas das universidades brasileiras há uma carência de disciplinas referentes às PCAN, portanto essa escassez já aparece na formação dos professores o que influencia na dificuldade em propor este conteúdo em suas aulas na educação básica. Além disso, há poucos recursos materiais nas escolas e, por conta da hegemonia dos esportes tradicionais, existe uma resistência dos alunos no sentido de não terem interesse em estudar este conteúdo. (TAHARA, DARIDO, 2018)

Outro fator que dificulta o ensino foi constatado por Gonçalves et al (2020), que o repertório existente de estudos carece de pesquisas descritivas, que podem contribuir para o entendimento de como ensinar. Aqui na nossa pesquisa, os estudos em grande parte falam sobre o conjunto das práticas corporais de aventura na natureza, foram encontrados quatro que falam mais diretamente sobre a caminhada. Porém, nenhum no contexto escolar, portanto não vamos apresentá-los nos resultados. Observamos que os documentos e os estudos encontrados são concordantes ao incluir as práticas corporais de aventura e a caminhada na natureza como conteúdos da Educação Física escolar.

Nos documentos oficiais aqui pesquisados, o nosso objeto de estudo aparece de forma indireta na LDB e BNCC e de forma mais direta na PCRMF. A LDB não faz menção ao conteúdo PCAN e tão pouco ao conteúdo caminhada na natureza. Entretanto, considera a educação ambiental como tema facultativo (BRASIL, 1996). A BNCC cita o conjunto mas não cita diretamente a caminhada na natureza, mas indica “outros conteúdos”, o que possibilita incluir tal conteúdo, por ter características das PCAN. (BRASIL, 2018). No âmbito municipal, a PRCRMF menciona os conteúdos “trilhas” e “passeios” para a educação física, indicando que eles sejam trabalhados no ensino fundamental. (FLORIANÓPOLIS, 2016). Haja vista, observamos que há argumentação legal e teórica científica para o ensino da caminhada na natureza.

Vimos até aqui que a caminhada na natureza faz parte das Práticas Corporais de Aventura na Natureza, portanto, são conteúdos possíveis para a Educação Física Escolar. Sendo assim, retomamos a pergunta: quais são as possibilidades de trato pedagógico do conteúdo prática de caminhada na natureza no contexto da Educação Física Escolar?

Sabemos serem várias as perspectivas metodológicas no âmbito da Educação e, em específico, da Educação Física. Perspectivando uma abordagem crítica, tomamos como referência a pedagogia histórico-crítica, a qual dentro da Educação Física é a pedagogia crítico-social dos conteúdos ou, pedagogia crítico superadora. Metodologia que tem como leitura da conjuntura a teoria de que a sociedade está dividida em classes e o currículo da educação física é comprometido com os “interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória”. (SOARES et al, 1992)

Portanto, faremos um exercício de elaboração de proposição de trato pedagógico com o conteúdo “caminhada na natureza” à luz da pedagogia histórico-crítica que tem como referencial teórico o materialismo histórico-dialético e evidencia cinco passos para construir sua prática, são eles: Prática Social Inicial, Problematização, Instrumentalização, Catarse,



Prática Social Final. Sendo que esses passos não são fechados como caixinhas em si, pelo contrário, eles estão em constante integração, porém alguns deles assumem a predominância em determinados momentos. Por exemplo, o começo do processo de aprendizagem tem como predominância a Prática Social Inicial, e é muito coerente que a Problematização também apareça neste momento. (GASPARIM, 2009)

A Prática Social Inicial tem como objetivo conhecer a síntese dos alunos referente ao conteúdo escolhido para as aulas. Ela vai nortear o restante do processo de ensino aprendizagem. Busca uma análise da realidade social ampliada a fim de observar o que é necessário para organizar, ampliar e transformar esta realidade. (GASPARIM, 2009)

Seguindo nessa linha de pensamento, a intervenção com o conteúdo caminhada na natureza pode ser uma roda de conversa sobre o conteúdo, norteadas com perguntas pré elaboradas pelo professor, como por exemplo: O que é caminhar? Como caminhamos? Onde caminhamos? Por que caminhamos? Para quem caminhamos? Quais os empecilhos para caminhar? Há locais onde a caminhada é proibida? Por quê? O que é natureza? Como conceituar a natureza? Como conceituar a caminhada na natureza? Quais os benefícios da caminhada na natureza? Visto isso, elaborar cartazes com a síntese das respostas. Sendo que esses cartazes podem ficar expostos na parede da sala para que ao longo do processo de ensino ele seja enriquecido.

A Problematização tem como objetivo dar oportunidades para que surjam perguntas. Através de situações-problemas o aluno conhece a necessidade de obter mais conhecimentos, para assim superar problemas (GASPARIM, 2009). Podemos fazer caminhadas observativas, na escola e no entorno dela. Decidir com o grupo o que vamos observar, tal como: a quantidade de natureza não afetada pelo ser humano, qualidade da estrutura referente a possibilidade de fazer caminhadas, se há pessoas caminhando e como elas estão de vestimenta e postura corporal. Em grupos de até 4 pessoas, registrar em redação o que eles observaram e pensar uma pergunta norteadora e os objetivos a serem seguidos no processo do ensino deste conteúdo. Através da roda de conversa, escolher em coletivo.

A partir das necessidades levantadas partimos para o próximo passo: o de Instrumentalização. Momento em que usamos ferramentas do ensino para instrumentalizar os alunos com conteúdos científicos. (GASPARIM, 2009) Podemos fornecer recursos como: filmes, vídeos e exposição de conteúdo sobre a natureza da região em que vivem. Para possibilitar que os alunos consigam se apropriar do conteúdo. Dessa forma, tem como horizonte ampliar o conhecimento através da relação docente-discente, síntese e conhecimento científico.

A Catarse é o momento de transição da síncrese para a construção do resultado de um processo de aprendizagem que é chamado de síntese, na concepção aqui estudada considera ser a integração das diversas dimensões do conteúdo, histórica, política, científica, estética, dentre outras. Instrumentalizando para que o sujeito seja alguém que luta, participa e constrói uma transformação social. Podemos ter aulas práticas em todos os passos falando sobre aspectos biológicos da caminhada e sobre como fazer a caminhada na natureza. Nesta etapa, levá-los para fazer uma trilha. Também, fazer uma roda de conversa sobre tudo que foi vivenciado na disciplina. O último passo é a Prática Social Final onde o aluno é convidado a expor a sua síntese em uma ação transformadora, aqui podemos construir uma proposta de manifesto sobre problemas na gestão ambiental ou até averiguar um problema específico da região para aprofundar mais. (GASPARIM, 2009)

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o suporte desta pesquisa observa-se que existe um significativo repertório teórico sobre as práticas corporais de aventura, com uma gama de sub-temas, como os seus conceitos, a construção histórica, sua constituição enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, sobre métodos de ensino e outros que contribuam para que se possa interpretar, levantar questões e alicerçar os conhecimentos científicos teórico-práticos.

O nosso objetivo de construir entendimento sobre a “caminhada na natureza” como conteúdo da EFE foi difícil de ser alcançado, porque grande parte dos estudos e documentos oficiais da educação fazem a leitura sobre o conjunto das práticas corporais de aventura e não sobre uma específica, tanto que não encontramos nenhum estudo sobre a caminhada na natureza no contexto escolar, portanto, o entendimento não fica profundado. Porém, alguns aspectos foram possíveis de serem discutidos por serem comuns a essas práticas, como por exemplo a relação do ser humano com o ambiente: a natureza.

Os documentos indicam o caminho que a educação deve seguir. Entretanto, esses mesmos documentos devem ser sistematicamente questionados e criticados a fim de que tais documentos que regulamentam a educação possam ser cada vez mais orgânicos e que alcancem uma perspectiva crítica de Educação Física que seja capaz de superar as dicotomias e distâncias sociais até então existentes no seio da sociedade. Porém, mesmo os documentos oficiais que regem a educação não citarem a caminhada na natureza como um

conteúdo da Educação Física Escolar, os conhecimentos e argumentos produzidos até o momento podem sustentar essa possibilidade.

O nosso objetivo de construir a proposta de trato pedagógico vem com o intuito de fortalecer o repertório deste conteúdo, a proposta pode ser fortalecida assim que novos estudos forem elaborados, com metodologia de estudo de campo, estudos descritivos e com outras metodologias que pratiquem esse conteúdo na escola.

Avalio que essa pesquisa pode contribuir na construção de uma Educação Física com propósitos transformadores e que tenha como intencionalidade maior a preservação da vida humana-natureza, sem esquecer de fortalecer a luta coletiva no combate de políticas que a destroem. À vista disso, acreditamos que nossa questão norteadora foi respondida, apresentamos aqui argumentação teórica e burocrática para afirmar que a “caminhada na natureza” deve ser um conteúdo da Educação Física e apresentamos possibilidades de trato pedagógico para possibilitar isso.

Entendemos que essa pesquisa pode ser ampliada. Como por exemplo, com pesquisas de cunho mais prático, como pesquisas de campo, estudos de caso etc. Que vão pôr em prática as possibilidades na escola e analisar seus resultados.

## 5. REFERÊNCIAS

AVELINE, Carlos Cardoso. **A vida secreta da natureza**. Uma iniciação à ecologia profunda. Blumenau-SC: Editora Furb, 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 7. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018, documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Disponível em: [A Base \(mec.gov.br\)](http://A_Base_(mec.gov.br)). Acesso em: ago. 2021.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 2012.

DALBEN, André. **Diálogos entre o corpo e a natureza: as práticas corporais ao ar livre e a educação física escolar**. Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 903-914, out./dez. de 2015.

FLORIANÓPOLIS. **Proposta Curricular da Rede de Ensino de Florianópolis**. Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. 2016.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5. ed. Campinas: Autores Associados Ltda, 2009.

GONÇALVES, Jayson; COZZA, Jéssica; SOUZA, Fernanda Granato de Souza; PEREIRA, Marcos Paulo Vaz de Campos; FARIAS, Gelcemar Oliveira. **Práticas corporais de aventura na Educação Física Escolar: uma análise nos periódicos nacionais**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 23, 2020. DOI: 10.5216/rpp.v23.55858.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; SOUSA, Caroline Castro; MACHADO, Lídia Ferreira. **A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório**. Motrivivência, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-18, 16 nov. 2020. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2020e76350>.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus *et al.* **Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia**. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. Práticas Corporais: trilhando e compar(trilhando) as ações em educação física. 2. ed. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005. Cap. 5. p. 1-182.

KLEIN TAHARA, A.; KAWANO DIAS, V.; SCHWARTZ, G. M. **|A aventura e o lazer como coadjuvantes do processo de educação ambiental**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 1-12, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v9i1.121. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/121>. Acesso em: 8 jun. 2022.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Katálysis, Florianópolis, v. 19, p. 37-45, abr. 2007.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. **A caminhada como prática de resistência: uma análise a partir da visão sociológica de David Le Breton**. Sociologias, [S.L.], v. 23, n. 56, p. 368-394, abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-101780>.

MACEDO, Simoara Freire de; BENTO, Camilla. **Esporte de aventura: lazer esportivização**. In: Anais do VI Congresso Goiano de Ciências do Esporte, Goiânia 10 a 12 de Junho de 2009.

MANFROI, Miráira Noal; FERREIRA, Jairo Roberto Paim; MARINHO, Alcyane. **Por outra educação física escolar: natureza, cultura e experiências na costa da lagoa (SC)**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 18, n. 3, 2015. DOI: 10.5216/rpp.v18i3.35844. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/35844>. Acesso em: 8 jun. 2022

MARINHO, A. **Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades**. Motrivivência - Revista de Educação Física, Esporte e Lazer. Florianópolis (SC): Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física, ano XVI, n.22, p. 47-69, jun, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; ROMEU, Suely Ferreira Deslandes. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Pretópolis: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, Marcelo de Maio; REIS, Malena Libório dos; TÜRK, Stefan. **Esporte e meio ambiente: a disciplina de esporte e gestão ambiental (ega), na formação de alunos de educação física, na região do sertão nordestino**. *Motrivivência*, [S.L.], v. 30, n. 56, p. 232-245, 29 nov. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n56p232>.

NICÁCIO, Luiz Gustavo. **Travessia da aventura: da ausência na escola à inclusão em documentos orientadores**. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-18, 16 nov. 2020. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2020e74232>.

NETO, Manuel Pacheco. **Motricidade e corporeidade no Brasil colonial: bandeirantes, índios e jesuítas**. Dourados: Seriema Indústria Gráfica e Editora Ltda, 2018.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul. 2013.

SAMPAIO, A. (2007). **Os Benefícios da Caminhada na Qualidade de Vida dos Adultos**. Porto: A. Sampaio. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez Editora, 1992. 119 p.

TAHARA, Alexander Klein; DIAS, Viviane Kawano; SCHWARTZ, Gisele Maria. **A aventura e o lazer como coadjuvantes do processo de educação ambiental**. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 1–12, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v9i1.121. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/121>. Acesso em: 8 jun. 2022.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. **Diagnóstico sobre a abordagem das práticas corporais de aventura em aulas de educação física escolar em Ilhéus/BA**. *Movimento*, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 973–986, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/75302>. Acesso em: 14 jun. 2022

TUBINO, Manoel. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo, SP, Cortez, 2001.